

uma teoria da verdade marcada pelo processo argumentativo, ou seja, pelos elementos da coerência (mais típicos da Dogmática) e do consenso, para além do da pertinência experiencial. Levanta-se a questão, contudo, de se é possível quase identificar a questão da verdade com a questão da razoabilidade, da pertinência e da significatividade – mesmo que esses aspectos sejam fulcrais na discussão da pretensão de verdade de qualquer afirmação. Por outro lado, como o autor chega a questionar, onde radicam os critérios dessa mesma significatividade: será o mundo que é feito significativo pela fé, ou a fé que é feita significativa pelo mundo? Poder-se-á questionar a fé como «universo de sentido» previa e exteriormente determinado (mas que sentido?), ou antes como o próprio «sentido do universo»? Convém nunca perder de vista que a questão do sentido – não sendo de todo idêntica com a questão da verdade – se prende com um processo hermenêutico, cujos elementos constituintes estão marcados pela complexidade das pertenças, o que não permite uma abordagem imediata da questão da verdade.

3. Um outro elemento, intimamente ligado aos anteriores e como sua consequência directa, é o que se refere ao papel do testemunho para o trabalho da Teologia Fundamental e, por isso mesmo, de reflexão sobre a credibilidade do conteúdo da fé cristã. A categoria do testemunho é assumida, aqui, quer na sua dimensão «metafísica» quer como sinal eclesial de credibilidade. Esta dimensão da Teologia Fundamental é especialmente desenvolvida nos capítulos I-C. e IV, o que revela a pertença do autor ao que ele próprio denomina a «escola da Universidade Gregoriana de Roma» (49).

Piè Ninot conjuga, de forma equilibrada e vastíssima, o equadramento das questões na tradição teológica (com vastas referências às formulações patrísticas e medievais), na doutrina magisterial (com análise cuidada de muitos textos) e na teologia sistemática contemporânea (com uma espécie de relatório quase exaustivo sobre o «estado das questões» na actualidade). Assim se justifica o volume do seu tratado, que nenhum teólogo interessado em Teologia Fundamental pode ignorar.

JOÃO DUQUE

ALEMANY, José Joaquín, *El diálogo interreligioso en el magisterio de la Iglesia*, Biblioteca Teología Comillas, vol. 3, Universidad Pontificia de Comillas, Madrid 2001, pp. 310, ISBN 84-330-1573-7.

Por razões várias, internas e externas à teologia, a complexa problemática do diálogo inter-religioso tem estado na ordem do dia dos debates teológicos e eclesiais. Mas não se trata apenas de uma questão do momento. As suas raízes são profundas e o próprio Magistério da Igreja tem vindo, de há várias décadas para cá, a publicar documentos orientadores e impulsionadores, neste âmbito ainda pouco percorrido, em teoria e prática. Faltava uma recolha e um estudo de conjunto dessa orientação magisterial, nas suas diversas fases e nas significativas transformações que já manifestou. A esta importante tarefa se dedica o presente volume, última publicação em vida do inesperadamente falecido teólogo jesuíta de Madrid (Comillas).

Num primeiro capítulo (24-44), o autor aborda os fundamentos gerais do diálogo entre as religiões, de que se destaca a condição dialogal do ser humano como base de toda a relação ao outro diferente, especialmente importante na actual situação social de pluriculturalidade. O capítulo, que constitui uma excelente e clarificante síntese da problemática, termina com uma criteriosa selecção bibliográfica sobre o tema.

Lançados esses pressupostos, o autor inicia a análise dos documentos magisteriais, começando evidentemente pelo próprio Vaticano II. Após uma contextualização mais geral da abordagem dialógica inerente a todo o concílio, é feita uma leitura atenta das respectivas afirmações centrais a respeito do diálogo inter-religioso.

Um terceiro capítulo analisa os textos em que se manifesta o importante impulso dado por Paulo VI, no sentido de iniciar a aplicação prática dos textos conciliares. O estudo concentra-se na *Ecclesiam suam* e na *Evangelii nuntiandi*, como seria de esperar. Mas o autor analisa também outros textos menos conhecidos.

Ao textos de João Paulo II, que o autor situa numa fase de «maturidade» da questão, é dedicado um grande capítulo (89-133). O capítulo 5 analisa, de seguida, vários textos de diversos organismos vaticanos, cujo cerne é constituído pelo assunto em análise. Após essa abordagem simultaneamente vasta e sintética (o que demonstra a maturidade do autor e o perfeito domínio do assunto e dos textos em questão), é introduzido um de reflexão final sobre o pluralismo religioso, que serve simultaneamente de transição para a última parte do livro.

Esta constitui a parte mais original do livro, dedicada à análise de textos magisteriais não vaticanos mas provenientes das Igrejas locais, nomeadamente da Ásia (cap. 7), da África (cap. 8), da América e da Europa (cap. 9). Somos aí confrontados, de forma bem organizada e bem contextualizada, com uma multidão de textos significativos, sobretudo relativos a experiências particulares de diálogo com outras religiões *in loco*, sobretudo nas situações em que o cristianismo não é maioritário. É interessante o enquadramento neste âmbito das religiões tradicionais africanas e índias, assim como da herança africana no Brasil.

O livro encerra com um capítulo de «balanço e perspectiva», em que o autor revela singular domínio do assunto, conseguindo uma sistematização exemplar do tema, sempre na estreita relação entre os fundamentos teológicos e os princípios pragmáticos de actuação concreta.

O próprio autor confessa não ter a pretensão de uma análise exaustiva, nem intensiva nem extensivamente. Trata-se, antes, de uma apresentação global, sistematizada, dos núcleos centrais, com apontamento de material e caminhos a desenvolver posteriormente. Mas não se trata de uma mera enumeração de textos ou temas. O livro constitui uma reflexão sistemática sobre aquilo que marca as linhas fundamentais do pensamento magisterial da Igreja católica sobre o diálogo com as outras religiões. Destina-se, por isso, a ser um clássico de referência para quem pretender abordar a questão, seja em que perspectiva for.

JOÃO DUQUE

**TORNOS CUBILLO, Andrés, Inculturación. Teología e método**, Biblioteca Teología Comillas, vol. 1, Universidad Pontificia de Comillas / Desclée de Bouwer, Madrid 2001, pp. 393, ISBN 84-330-1573-7.

Não abundam, no contexto teológico académico, estudos sérios sobre a complexíssima (do ponto de vista teórico e prático) problemática da inculturação da fé, mesmo que dela constantemente se fale (muitas vezes, de forma muito superficial e irreflectida). Por isso mesmo, cabe-me saudar de forma efusiva este interessante volume, fruto de estudos longos e amadurecidos do professor emérito de teologia dogmática em Comillas, Andrés Tornos Cubillo.

O livro abre logo com um capítulo introdutório fabuloso, pela sua profundidade e forma concentrada, sobre o conceito de cultura e o seu papel na relação entre sujeito e realidade. Numa sábia e bem documentada conjugação entre o resultado dos trabalhos da jovem antropologia cultural e da vetusta filosofia ocidental, o autor apresenta uma visão que foge aos idealismos de uma filosofia da cultura desincarnada e, simultaneamente, aos simplismos de uma antropologia irreflectida.

Desse modo, constrói um excelente pórtico de entrada para a abordagem da relação entre fé cristã e realidade cultural – até mesmo, ou sobretudo, na sábia conclusão de que a consideração das diferenças culturais e da sua imprescindível mediação no acesso à verdade não contradiz a universalidade desta, como muito bem soube afirmar a melhor tradição filosófica ocidental e que a ingenuidade positivista ou relativista apenas se limitou a ignorar. Neste aspecto, o autor revela sobejamente a mais valia que significa ter uma séria e bem fundada «cultura» filosófica e histórica, como antídoto para todos os reduccionismos simplistas, típicos de determinadas teorias mais recentes (isto é, dos últimos três séculos).

De qualquer modo, o pluralismo das culturas e a consciência do seu carácter incontornável estão mais que estabelecidos e a teologia não pode desviar-se do desafio